

# FAMÍLIA E RELAÇÕES DE GÊNERO NO GARIMPO: UM ESTUDO DE CASO EM CAPOEIRANA, NOVA ERA, MG<sup>1</sup>

Ana Louise Carvalho Fiúza<sup>2</sup>  
Yolanda Carla Lima Coelho<sup>3</sup>  
Neide Maria de Almeida Pinto<sup>4</sup>

## RESUMO

Trata-se essa pesquisa de um estudo de caso que tem como objetivo a análise das relações de gênero no ambiente do garimpo, tendo como categorias de análise a honra e a virilidade. No garimpo, as mulheres desempenhavam papéis associados à sua sexualidade: prostitutas, cozinheiras, dentre outras. No entanto, nos últimos anos se tornaram garimpeiras. A análise da nova identidade da mulher no garimpo tem como objetivo verificar de que forma esse novo papel social contribui para a melhoria dos níveis de qualidade de vida da comunidade em estudo. Apesar de figurar no imaginário do senso comum que a mulher que trabalha no garimpo o faz na condição de prostituta, a investigação realizada nessa pesquisa demonstrou que: em primeiro lugar, existem muitas atividades produtivas exercidas por mulheres no garimpo, seja como sebeira, olheira, dona de buraco, etc., em segundo lugar, as mulheres que trabalham no garimpo têm uma grande preocupação com a moralidade da família, preocupando-se em preservar a segurança, a saúde e a limpeza dos filhos, além de se dedicarem a organização social do grupo. O trabalho árduo, o cuidado com a prole, a vaidade, o capricho são os elementos que compõem a imagem da mulher garimpeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher. Garimpo. Honra.

## 1 INTRODUÇÃO

A análise do papel da mulher no mundo do trabalho no garimpo e na comunidade ao seu entorno constitui palco privilegiado para se compreender os conflitos sociais que envolvem a definição ou redefinição dos papéis sociais de homens e de mulheres podendo contribuir para desconstruir os preconceitos vigentes acerca do trabalho masculino e feminino neste ambiente. Analisamos neste artigo se a presença das mulheres como trabalhadoras no garimpo concorre ou não para a promoção da qualidade de vida da comunidade ao seu entorno.

O garimpo é um espaço de homens, marcado, na maioria dos casos, por práticas clandestinas que se tecem à sombra da lei. Prevalece dentre aqueles que trabalham no garimpo

---

<sup>1</sup> Os autores agradecem à FAPEMIG o apoio financeiro que viabilizou a participação nesse evento. Esse artigo é parte da dissertação de Mestrado desenvolvida no Programa de M.S. em Meio Ambiente e Sustentabilidade pela UNEC (Centro Universitário de Caratinga, MG) intitulada: “Mulheres no garimpo: ressignificando as relações de gênero”.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa, MG. P.H.D. em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ/RJ

<sup>3</sup> Mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade pela UNEC (Centro Universitário de Caratinga, MG).

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG. Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP.

um espírito de “aventura” que se afasta de um modelo de trabalho regular e racionalizado. Em vista disso, nossa pesquisa procurou analisar as conseqüências que a presença da mulher como trabalhadora no garimpo pode imprimir na vida das pessoas que vivem no seu entorno. Em função de a mulher trazer um papel social que lhe impõe o dever de assegurar certa estrutura para o bem-estar dos filhos e da família tal condição repercute na organização da vida social no entorno do garimpo?

Tradicionalmente, a representação social da mulher no ambiente do garimpo permanece associada à de uma mulher desonrada, relacionada à prostituição. Mas o que acontece quando ela se torna “sebeira” ou “olheira”, ou seja, uma trabalhadora do garimpo? Estas funções ligadas à divisão do trabalho dentro do garimpo podem interferir na organização da vida social na comunidade ao seu entorno?

Partindo dessas questões, essa pesquisa teve como objetivo a análise das relações de gênero no ambiente do garimpo, tendo como categorias de análise, a honra e a virilidade.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

Utilizamos como referencial teórico para analisarmos esta questão os conceitos de honra e virilidade referenciados pelos estudos de J. G. Peristiany (1968). Em seus estudos nas sociedades mediterrâneas o autor afirma que a honra e a vergonha se constituem em avaliações sociais e participam da natureza das sanções socialmente estabelecidas, sendo reflexos da “personalidade social”. A honra ocupa o vértice da pirâmide dos valores temporais e condiciona a hierarquia desses valores. Atravessando todas as categorias sociais divide os membros dessa sociedade entre os dotados de honra e os despidos dela.

O estudo da organização do trabalho em Capoeirana se baseou nas análises de Schutz (1979) *apud* Costa (2002) acerca do seu conceito de “*métier*”, o qual nos possibilitou perceber a divisão do trabalho no garimpo como sendo um conjunto de habilidades técnicas, intelectuais e manuais associadas à experiência prática.

## **3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

Os procedimentos teórico-metodológicos adotados na pesquisa estão inseridos na perspectiva teórica feminista cuja característica marcante é uma compreensão da penetrante influência da divisão de gênero na vida social. Brunskell (1998) argumenta que a pesquisa feminista utiliza-se dos métodos disponíveis na ampla estrutura teórica das ciências sociais,

não indicando, portanto, o termo “metodologia feminista”. Dessa forma, adotou-se para a pesquisa de campo no garimpo, o método da observação participante, que toma como foco a comunicação simbólica dos atores na sua interação social. Também foram utilizadas trinta entrevistas semi-estruturadas com garimpeiros, garimpeiras, empresários do garimpo, garimpeiros cooperados e compradores de pedras, policiais, diretores das respectivas cooperativas, vereador do município de Nova Eram, pessoas da cidade no geral. Utilizou-se, ainda, a história de vida de uma garimpeira. Realizamos, também, uma “navegação” pela história do garimpo a fim de identificar a trajetória envolvendo a participação das mulheres nos seus diferentes momentos.

## **4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **4.1. A mulher na história do garimpo de Capoeirana**

O marco relevante da história do garimpo foi o período de seu fechamento de janeiro de 1990 até abril de 1993, por determinação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente dos Recursos Naturais (IBAMA) e do poder judiciário. Nesse período, as atividades foram suspensas, enquanto as lideranças se organizavam para atenderem as determinações legais de legitimação do seu funcionamento. Esse momento de ruptura teve significado na recolocação social da mulher. Mediante a suspensão dos trabalhos de garimpagem que levou ao agravamento dos níveis de qualidade de vida da comunidade, as mulheres atuaram para garantir as condições de sobrevivência e manutenção do grupo.

Os relatos daqueles que vivenciaram a situação gerada pela paralisação do garimpo estão impregnados de um sentimento de desolação e de abandono, bem como, de denúncia quanto à avaliação dos órgãos ambientais, que teriam agido de forma arbitrária e injusta. Afirmativas como: “*não havia nada para comer*”, “*as crianças não tinham nada: comida, saúde e lazer*”, “*foram dias difíceis*”, “*ninguém ligava para nós*” foram registradas em todas as entrevistas.

Evidentemente, a grande maioria dos que ali se encontrava foi embora. Os que permaneceram passaram a viver na expectativa de reabertura do garimpo, fixaram-se no lugar e começaram a constituir as suas famílias. Hoje, Capoeirana conta com jovens que nasceram e foram criados no garimpo. O garimpo passou a ser para muitos não mais um lugar com a perspectiva da riqueza rápida, mas um lugar para se viver e esperar a resolução de um problema. Essa comunidade, que vivia em condição provisória e precária começou a

reivindicar ações de melhoramento, que demonstravam um apego ao lugar e um objetivo de fixação. Essa perspectiva de espera talvez esteja relacionada ao tamanho da área que ainda pode ser explorada, ou seja, uma perspectiva de longevidade do garimpo. É nesse cenário que abordamos o papel de liderança exercido pela garimpeira Esmeralda. Utilizando-se da metodologia de história de vida se identificou, na trajetória de vida da garimpeira, elementos que indicassem a pertinência da atuação da mulher na coesão social tendo como categorias de análise a honra e a virilidade.

Esmeralda tornou-se garimpeira em Capoeirana há 14 anos, tendo chegado do Norte de Minas, para visitar o irmão que já trabalhava no garimpo. Deixou os três filhos com a mãe e partiu para o garimpo. Apesar da vida simples possui bens não claramente declarados. Esmeralda é atualmente presidente da Associação de Bairro de Capoeirana, o que lhe confere orgulho. Considera-se uma líder da comunidade garimpeira e uma mulher destemida e respeitada por todos. Trabalha na lavagem do xisto, a chamada “sieba”, à cata de esmeraldas. Nunca trabalhou para os “donos de buraco”. Sua liderança é reconhecida e a expectativa dos demais é a de que Esmeralda tenha sempre alguma coisa - roupas, cestas básicas, balas - para oferecer. É reconhecida como detentora de informações sobre quem foi embora do garimpo, quem chegou, sobre comércio de pedras (preço, compra e venda) e sobre “bamburros” (expressão usada quando se garimpa esmeraldas de alto valor de mercado).

A garimpeira dispõe de uma série de listas de distribuição de cestas básicas, cobertores, brinquedos, chocolates, dentre outros, com as respectivas assinaturas daqueles que a receberam. A conquista e o reconhecimento dos demais pela ação de Esmeralda lhe conferiu uma posição de destaque na comunidade e constituiu os elementos para a construção da sua honra e reconhecimento da sua “virilidade”. O grupo legitima sua atuação frente ao poder público na conquista de benfeitorias como sendo prodigiosa. Mas, também, no que diz respeito à “limpeza” do lugar, ela passou a ser respeitada e reconhecida. Bania do garimpo pessoas procuradas pela justiça e fugitivos de penitenciárias. Não por acaso, o garimpo passa ser visto como “lugar onde hoje só vivem famílias”.

Contudo, esta liderança, exercida nos assuntos relativos à vida social da comunidade garimpeira, está circunscrita à dimensão do cuidado, reconhecida como da mulher, da mãe zelosa e até valente. Esmeralda cuida das pessoas doentes no garimpo, da busca por melhorias na prestação de serviços por parte do poder público, tais como posto de saúde e moradias, e busca sanar as necessidades imediatas, através da arrecadação e distribuição de cestas básicas, roupas e remédios. Já a liderança do garimpo é reconhecida como da competência do presidente da COOGEMIG (Cooperativa Mista dos Garimpeiros do Centro Leste Mineiro) -

cooperativa responsável pela extração de esmeraldas. Em um dos seus depoimentos, Rubi deixa claro: *“o nosso negócio é com a cooperativa. As pessoas que vivem ali não estão sob nossa responsabilidade”*.

#### 4.2 A honra e a virilidade da mulher garimpeira

Os estudos realizados por Peristiany (1968, p.12) apresentam a honra como o *“vértice da pirâmide dos valores sociais temporais e condiciona a ordem hierárquica desses valores”*. O estudo da honra é o estudo da personalidade social de determinado grupo social. Honra e vergonha são avaliações sociais e participam, assim, da natureza das sanções sociais. Sendo avaliações sociais, se utilizam de um padrão ideal de personalidade, considerada exemplar em determinada sociedade. Não se trata apenas de reprovar ou aprovar. A honra é uma categoria social e atua na rede de interação nos grupos sociais. Nenhuma pessoa é aceitável, quaisquer que sejam sua posição e realização, se lhe faltam os componentes de honra. A conduta da pessoa está associada a sua posição social e está orientada pelos componentes de sua honra.

Segundo Pitt-River (1968, p.21), *“honra é o valor de uma pessoa a seus próprios olhos, porém também é o valor de uma pessoa aos olhos de sua sociedade”*. É não só o reconhecimento próprio da sua dignidade é, principalmente, o reconhecimento público de sua pretensão, do seu direito de orgulho. De maneira sistematizada, o sentimento de honra inspira uma conduta que é honrável, a conduta recebe reconhecimento público e estabelece a reputação do ator, e a reputação é finalmente santificada pela concessão da honra. Não equivale a dizer que o homem tido como honrado assim o é eternamente. A opinião pública constitui um tribunal onde se dá o reconhecimento ou não da pretensão da honra. Um tribunal inapelável. Honra e vergonha são preocupações constantes de indivíduos radicados em sociedades de pequena escala, onde as relações pessoais são de importância radical.

Para La Taille (2002) há uma honra exterior que se confunde com a reputação, e há outra interior, que é um

*“sentimento interior que se desenvolve em nós com muita força, a ponto de impor as mais duras renúncias, os mais heróicos sacrifícios, não somente de interesse material, mas de interesse pessoal: sacrifícios gratuitamente oferecidos a um ideal mais forte a que chamamos de honra”* (Febvre, 1998, *apud* LA TAILLE, 2002, p.23).

Considerando que o conceito de honra é carregado de ambigüidades esse autor sugere o emprego de outro conceito: auto-respeito. Daí tem-se honra ou auto-respeito quando tais valores constituírem em uma resposta à aprovação ou desaprovação do outro. A honra tem um

papel importante na socialização da pessoa e na definição de pertencimento do grupo. É um conjunto de valores produzidos socialmente, sendo instrumento de regulação primária da socialização.

O complexo honra e vergonha estudado por Peristiany (1968) dá aos homens ampla liberdade sexual, ao passo que exige das mulheres a castidade e a submissão à autoridade masculina. A mulher não possui honra, somente vergonha. A honra do homem depende em grande escala da habilidade em impor autoridade e defender a honestidade sexual das mulheres da família. Mas os estudos sobre a honra da mulher garimpeira relativizam esse modelo moral estudado por Peristiany. A honra da mulher garimpeira não está assentada primordialmente nas suas práticas sexuais, não está associada ao pudor e à fidelidade. A honra da mulher garimpeira tem no “trabalho duro” associado ao zelo pela família, pela comunidade e na confiança seus componentes fundamentais. A mulher garimpeira honrada é reconhecida como sendo lutadora, persistente, e dedicada à criação dos filhos. Para uma mulher garimpeira em Capoeirana, a maior ofensa é o fato de desconfiarem da origem do seu dinheiro. Ele é antes de tudo resultado de trabalho árduo. Uma demonstração simbólica que expressa esse sentimento está no fato de as mulheres mostrarem as duas faces da mão: a palma calejada pelo trabalho, numa demonstração de auto-respeito, e a outra face externa, que demonstra a vaidade, com os dedos cheios de anéis e unhas pintadas, numa exposição de auto-estima.

Se a virilidade se constitui em um elemento valorizado para a honra da mulher no garimpo, esta não se estabelece em oposição à preocupação com a beleza. As justificativas incessantes das mulheres garimpeiras se desculpando por estarem desarrumadas quando se encontram trabalhando, somado ao consumo elevado de cosméticos, perfumes e cremes, lhes são importantes para se afirmarem como mulheres, distintas do universo masculino. Ao viverem em um mundo marcado pelos padrões masculinos, essas mulheres reafirmam sua feminilidade através da vaidade: *“A mulher no garimpo tem a desvantagem que ela tem é o envelhecimento precoce da pele, devido a ficar muito no sol. Mas fisicamente, internamente, ela fica sadia, com os nervos no lugar”* (Águas Marinhas).

Um aspecto marcante da afirmação da identidade feminina no ambiente do garimpo é o fato de que em meio aos depósitos de xisto onde trabalham os “sebeiros”, lavando e fisciando esse material, está localizado um salão de beleza. Ser trabalhadora não tem sentido apenas em relação ao trabalho em si, como ação de se fazer algo, mas indica uma opção moral. Ser trabalhadora significa ser honesta, ganhar a vida com dificuldades, ser sofredora. É neste momento que a mulher garimpeira deixa de ser vista com a mulher de “vida fácil”, prostituta, para garantir a sua condição no grupo.

A honra da mulher garimpeira é cotidianamente negociada na arena pública. Ela busca na comunidade, e em especial, no público masculino reconhecimento de seus valores morais e de suas virtudes como mãe cuidadosa, trabalhadora, lutadora, de forma a não representar uma ameaça aos domínios da masculinidade. Em um momento de tensão no garimpo, de denúncias junto ao Ministério do Trabalho, o gerente de uma empresa de extração depôs: *“as mulheres não lutam pela igualdade, mas pelo pão de cada dia”*. Esmeralda, em uma das entrevistas confessa: *“o meu problema, a minha luta é com os donos de serviço por causa do xisto, mas eu não tenho força ainda para essa luta. Eles não podem saber dessa luta. Temos que viver em paz. Eu respeito muito eles, mas temos essa diferença”*.

Vê-se nos depoimentos relativos à associação entre honra e virilidade que as mulheres fazem uso de um repertório de imagens do que se considera no senso comum como naturalmente feminino, para uma negociação junto aos atores que dominam o garimpo. Dessa forma, buscam a conquista do que consideram justo e direito: o acesso gratuito ao xisto (resíduo mineral gerado pela extração de esmeraldas, que pode conter gemas), que é a garantia de manutenção da vida daqueles que estão excluídos da garimpagem nos túneis. Em outro momento, promovem a mobilidade na estrutura de trabalho, passando de “sebeiras”/ “de fora” para “donas de buraco/ “de dentro”. Através do estabelecimento da confiança tácita dos donos do garimpo e da comunidade no geral, a garimpeira opera estratégias para atingir o seu objetivo, orientado por um discurso que não apela pela igualdade entre os sexos, mas por melhores condições para os menos possibilitados. Frases como: *“A minha luta é pelos pobres!”*, *“Correr atrás do benefício. Meu negócio é ajudar o povo!”* (Esmeralda) revelam que, ao falar do justo, fala como uma missão que ela traz consigo mesma.

Esmeralda age perante o grupo e por ele, legitimada por um papel associado ao mundo privado: o papel de mãe, que deve cuidar das necessidades, segurança e bem-estar dos seus. Esta ancoragem da sua liderança legitimada em um papel vinculado à esfera privada fica claro quando percebemos que os garimpeiros reconhecem sua coragem e perspicácia junto aos políticos da cidade, e que tal fato lhe valeu a admiração e o respeito do grupo, contudo, este reconhecimento fica restrito ao espaço do garimpo e às atribuições típicas do papel que lhe cabe como mulher.

Socialmente construída, a virilidade deve ser entendida, também, como um sentimento que as mulheres garimpeiras interiorizam em si mesmas. Internamente, a virilidade dota a mulher de um sentimento de coragem. A mulher garimpeira é guardiã de sua honra e quando se vê ameaçada é impelida a reagir rapidamente de forma viril. Para ser respeitada não pode demonstrar medo diante da coação executada pelo outro, e, especialmente, quando o outro

controla a organização da produção. Expressões como “*eu olho é nos olhos...*”, “*não abaixei a cabeça*”, “*não tive medo*”, provam no plano externo, a virilidade que lhe confere uma condição de bravura e garante o respeito dos atores do grupo social para com estas mulheres.

Esmeralda, calcada em seu sentimento de honra e assessorada por outras mulheres, trabalhou destemida para evitar que a “classe de perigosos” se misturasse com a dos “trabalhadores” (aqui entendidos como honestos). Verifica-se um processo de “higienização” e “moralização” do espaço social, voltado para tornar o garimpo um espaço sem violência e desordem, onde predominam as famílias. Quando perguntados sobre a visão que comumente se tem do garimpo como sendo um ambiente associado à violência, as respostas são imediatas e unânimes: “*Hoje não há violência. O garimpo é de família*”.

O estudo da honra e da vergonha permite-nos, assim, perceber a encarnação destes no tipo ideal de homem e de mulher para uma dada sociedade. No caso da honra da mulher garimpeira, esta não está pautada exclusivamente em seu comportamento sexual, mas em um conjunto de valores que a faz respeitada pelo grupo social. Dentre estes valores tem-se o trabalho árduo no garimpo, o cuidado com a prole, o capricho com os bens domésticos, a busca de recursos em situações de escassez, a confiança no trato do comércio das pedras, além da lealdade para com os demais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mundo do garimpo é, em princípio, de conflitos entre os grupos de poder pelo controle da riqueza. Violência e masculinidade são seus elementos marcantes e em Capoeirana não é diferente. É nesse ambiente que a mulher que trabalha no garimpo vem introduzindo novas formas de sociabilidade, marcada pela busca da estabilidade da construção do sentido de casa e de família. Apesar de figurar no imaginário do senso comum que a mulher que trabalha no garimpo o faz na condição de prostituta, a investigação realizada nessa pesquisa demonstrou que: em primeiro lugar, existem muitas atividades produtivas exercidas por mulheres no garimpo, seja como sebeira, olheira, dona de buraco, etc., em segundo lugar, as mulheres que trabalham no garimpo têm uma grande preocupação com a moralidade da família, preocupando-se em preservar a segurança, a saúde e a limpeza dos filhos, além de se dedicarem a organização social do grupo.

O trabalho árduo, o cuidado com a prole, a vaidade, o capricho são os elementos que compõe a imagem da mulher garimpeira. Apegadas à bondade e à lealdade as mulheres garimpeiras vêm conquistando de forma aparentemente amistosa e pacífica, nem por isso,



menos corajosa e ousada, um status de maior relevância no mundo do garimpo. As mulheres agem na construção da coesão social e no sentimento de pertencimento, deixando o garimpo de ser um ambiente do precário e do provisório, da aventura e do risco, para um ambiente “de família”.

Pertencer a um grupo social, o dos garimpeiros, que tem como marco organizacional a família, significa dizer à sociedade externa que se tem uma identidade, e esta identidade está pautada em valores de “*gente direita*”, descente. Equivale a dizer que você não é um “aventureiro”. Ser de família é, pois, mais do que ser um membro de um núcleo social. Significa pertencer a um lugar em que as relações têm como componentes valores morais. Família tem aqui uma importante função social que é a de afugentar aqueles que estão à mera procura de aventura de conduta imoral. A forma de mitigar a violência foi construir um argumento moral, que serviu como um valor propulsor da ação de limpeza do garimpo dos “perigosos”. A virilidade enquanto um valor moral serviu de ideal para a construção de um lugar onde sobrevivem famílias, um lugar seguro. Assim, a virilidade da mulher garimpeira, ao construir uma representação de valentia e enfrentamento, foi firmando uma nova faceta da coragem e da força em um ambiente marcado pela masculinidade.

A percepção acerca da influência das perspectivas de gênero na vida social forçou a enxergar a importância da virilidade e da honra para a construção da vida social no garimpo, e para a forma como a mulher empreendeu a busca por melhores condições de vida. Foi imprescindível para que se percebesse essa relação entre a construção de papéis de gênero e as preocupações envolvendo as condições de vida das pessoas no garimpo, que se atentasse para os condicionantes sociais relativos ao gênero.

Os códigos de honra construídos se reafirmam e são reconhecidos por meio do atributo amplamente utilizado por ela, que é a virilidade, associada ao trabalho duro no garimpo. De maneira mais ampla, a honra e a virilidade da mulher no garimpo nos falam de como ela vem se tornando agente na dinâmica social. A honra, com seus componentes sobrepostos - trabalho, condição de mãe de família, honesta, equilibrada – se constitui em um fator fundamental na organização da comunidade garimpeira. Nessa perspectiva, a honra é mais do que um conjunto de valores morais, ela é um conjunto de ações e procedimentos pelos quais as mulheres introduziram um “*ethos*” feminino em um ambiente de domínio da masculinidade, bem como elaboraram as estratégias de sobrevivência tanto de sua família quanto do grupo social.

## REFERÊNCIAS

BAROJA, Julio Caro. Honor e Vergüenza: examen histórico de vários conflictos. In: PERISTIANY, J. G. (org). **El concepto del honor en la sociedad mediterránea**. Barcelona: Editorial Labor, 1968. p.p. 77-126

BRUNSKELL, Heather. Feminist methodology. In: SEALE, Clive (ed.). **Researching society and culture**. London: Sage Publications, 1998. p.p.36-47.

COSTA, Luciano Rodrigues. Homens de ouro: trabalho e conhecimento entre os garimpeiros clandestinos de ouro da Região de Mariana. **Dissertação Mestrado**, Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

LA TAILLE, Yves. **O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade**. *Psicol.Reflex.Crit.*, Porto Alegre, v.15, n.1, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Dec. 2008.

MARTINS, Marcos Lobato. **Identidades sociais e ação coletiva**: o caso dos garimpeiros da microrregião de Diamantina. Dissertação de Mestrado, Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

MATOS, Sonia Missagia. Artefatos de gênero na arte de barro: masculinidades e feminilidades. *Rev. Estud. Fem.*, 2001, vol.9. p. 56-80. ISSN 0104-026 X.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de Oliveira. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

PERISTIANY, J. G. (org). **El concepto del honor en la sociedad mediterránea**. Barcelona: Editorial Labor, 1968.

PITT-RIVES, Julian. Honor y categoría social. In: PERISTIANY, J. G. (org). **El concepto del honor en la sociedad mediterránea**. Barcelona: Editorial Labor, 1968. p.p 21-76.

SANCHES, Fábio José Bechara, PARRA, Henrique Zoqui Martins, MELLO, Juliana Leitão e. Olho no olho: repressão, solidariedade e comunicação. In: MARTINS, José de Souza (org.) **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrôpole**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 73-86.